

mal as tentativas de um cliente ao procurar um executivo. Sua conclusão (errada) é que o executivo deve despedir a telefonista e a secretária e atender êle mesmo ao telefone. Ora, essa medida não só não vai resolver o problema, como também agravará o uso do tempo do próprio executivo.

O livro emprega chavões já conhecidos na subcultura organizacional. A incompetência dos consultores é matéria de muitas anedotas. Aqui êle o diz, graciosamente, mas sem originalidade, que "os consultores são pessoas que tomam emprestado o seu relógio para lhe dizer que horas são e depois saem com êle..."

Trabalhando com clichês, Townsend é engraçado. Tôda a vez que sai dêles, suas idéias inconventionais são perigosas. Quando êle propõe que não haja bonificação para quem se desempenha mal, êle repete uma idéia já conhecida, embora nem sempre executada. Quando êle recomenda dispensar a publicidade, as relações públicas, o departamento de pessoal e de compras, êle pode estar dando mau conselho. A propósito, a idéia de dispensar todo o departamento de pessoal e todos os seus **experts** me é particularmente tentadora, sem dúvida, apesar das desvantagens em que isso redundaria.

Townsend revela-se um leigo em computadores, confunde-os com máquinas convencionais, que apenas substituem o trabalho braçal de escritório.

Finalmente, Townsend tem uma concepção de empresa limitada e vitoriana. Êle

considera que a empresa tem obrigações apenas para com os acionistas, e não reconhece sua responsabilidade social. Nesse ponto, Townsend regride duzentos anos para a filosofia do **laissez faire** econômico.

Escrevi há pouco na **Revista IDORT** (outubro 1970) um artigo mostrando a contribuição de Parkinson e Peter para a Teoria da Administração e pareceria contraditória agora a minha análise de Townsend. Para os que leram aquêle artigo, preciso fazer um esclarecimento. Não há dúvida de que Parkinson e Peter usam do escândalo publicitário para veicular suas idéias. O valor dêles não está nisso, mas nos **princípios** que elaboraram. Alguns de seus **princípios** estão hoje sendo tratados ou estão sendo incluídos nos textos de administração. Além disso, o **absurdo**, o **nonsense** dêesses dois autores é uma posição teoricamente defensável diante do fenômeno burocrático racional.

Por seu turno, Townsend nem chega a criar um mundo de absurdo, nem elabora algum **princípio** permanente. Para não ser esta uma crítica apenas negativa, e porque gostei imensamente de ler o livro, devo reconhecer que Townsend tem valor na medida em que ensina a encarar com mais independência a instituição burocrática, a não se curvar diante da grandeza e da antigüidade das práticas administrativas. Townsend agrada e faz justiça no momento em que nos devolve a espontaneidade perdida, o ato genuinamente criador do organizador.

JOAO BOSCO LODI

Macroeconomic Activity — Theory, Forecasting and central —

Por Michael K. Evans. Tarper & Row, Publisher, 1969. 612 páginas

Desde a publicação da **General theory** de Keynes e sobretudo depois dos trabalhos de interpretação do famoso economista inglês, por autores como Alvin Ansen, Dudley Dillard, Prebish, Joan Robinson e outros, os livros de macroeconomia foram desenvolven-

do uma conformação própria. Na construção do modelo keynesiano, passou-se a atribuir grande importância aos três **mercados** que no conjunto constituem o **equilíbrio geral**: o mercado de bens, o mercado monetário e o mercado de trabalho. As funções tipicamente

keynesianas como a função-consumo, a função-investimento, a função da preferência pela liquidez passaram a ter papel relevante nos modelos macroeconômicos. Ao concentrar a atenção sobre essas funções, a teoria keynesiana deslocou o principal foco de atenções do lado da oferta global para o da demanda global. Daí para a moderna política econômica foi um passo. Os trabalhos de McKenna, de Gardner Akley, Dernberg & McDaugall, de Erich Schneider encontram-se entre os melhores exemplos dessa conformação da teoria keynesiana e do contraste entre esta e a chamada economia clássica.

Entre outros, talvez se possam destacar duas características dessa macroeconomia: o caráter essencialmente abstrato da teoria e a colocação num segundo plano das teorias do ciclo que chegaram a ter um razoável destaque mais ou menos, ao mesmo tempo em que se publicava a *General theory*.

Justamente por essas duas razões é que o livro de Evans vem despertando um interesse especial, sobretudo nos Estados Unidos, onde ele vem sendo mais usado.

Em primeiro lugar — e seguramente é esse o seu aspecto mais importante — o livro contém um substancial esforço de conciliação entre o arcabouço teórico da teoria macroeconômica e o esforço de pesquisa que vem sendo realizado no campo da economia. Ele próprio um econométrico, Evans está em boas condições para escrever um livro dessa natureza, baseado na sua experiência docente e principalmente no trabalho que desenvolveu como membro do Wharton Econometric Forecasting Unit onde trabalhou com Lawrence R. Klein. Na parte 1 do livro, ao versar os assuntos relativos aos componentes da demanda e oferta agregadas, Evans dá considerável profundidade aos temas tratados ao evoluir das postulações significativas dos modelos keynesianos até os trabalhos econométricos mais recentes. Ao tratar da função-consumo, por exemplo, Evans examina as postulações keynesianas e depois as contribui-

ções de Duesenberry, Friedman, Modigliani, e outros, ao discutir as hipóteses da renda permanente e renda relativa, do papel da riqueza sobre o consumo, efeito dos *liquid assets* etc... Os problemas típicos de mensuração da função-consumo são examinados no 3º capítulo, com igual abundância de perspectivas e de autores.

Os capítulos 4º e 5º são destinados à função-investimentos. Já no 4º capítulo, Evans focaliza a questão do **princípio de aceleração**, claramente tendo em mente a segunda parte do livro. Nesses capítulos inúmeros trabalhos são examinados, inclusive os de Modigliani e Wangartner, Klein, Solow, etc., sobre a **lag structure** da função-investimento. No 5º capítulo é examinada a influência das expectativas nas decisões sobre investimentos e o reflexo delas no mercado de papéis.

O capítulo 9º é dedicado ao setor externo. O 10º capítulo é dedicado à oferta global. O parágrafo relativo a salários e Phillips Curve é particularmente importante. Aí, os trabalhos de Samuelson e Solow, além da contribuição do próprio Phillips, são examinados na perspectiva das taxas de desemprego.

A parte 2 do livro, que inclui 4 capítulos, examina as teorias completas sobre o ciclo, variando desde as teorias pré-keynesianas até as mais recentes teorias do grupo de Wharton.

Toda a parte 3 é dedicada aos métodos de previsão e controle do ciclo: aí são examinadas fontes de dados, técnicas estatísticas, e aplicação de modelos econométricos à previsão e ao controle das flutuações cíclicas.

É bem possível que, com esse trabalho de Evans, as teorias do ciclo voltem a despertar interesse, como já aconteceu no passado. Parece, contudo, que o grande valor do trabalho reside na verdadeira massa de pesquisas econômicas que ele traz para os capítulos da macroeconomia. Só por isso o livro se justificaria.

ARY BOUZAN